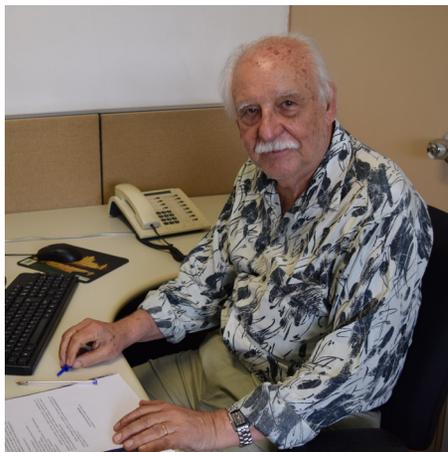


“A cidadania pensada a partir da educação”

“Citizenship thought from the education”

A universidade como instituição desempenha uma função central no desenvolvimento social e econômico de qualquer país. Ela é um ambiente de proliferação dos mais diversos debates e pesquisas, que não mais do que pretendem melhorar as condições da população em uma prática constante da cidadania. Para além de seus muros, as melhores universidades são aquelas que pensam na formação não só de um bom profissional, mas de um bom cidadão que preze pelos seus direitos e deveres, sem nunca deixar de se questionar quanto a eles.

Pensando nisso, a Revista de Cultura e Extensão da USP entrevistou o professor Adolpho José Melfi, docente titular sênior do Instituto de Energia e Ambiente (IEE-USP), membro da Academia Brasileira de Ciências e reitor da Universidade de 2001 a 2005. Permeando questões que envolvem o nosso sistema eleitoral, movimentos sociais dentro e fora da Universidade e os novos recursos (e perigos) da era digital, ele estreita a discussão acerca do conceito de cidadania colocando a educação num papel central para o seu exercício.



DIANA HELENA DE
BENEDETTO POZZI,
BRUNO ROBERTO
PADOVANO, PRIMAVERA
BORELLI, SUZANA
HELENA DE AVELAR
GOMES, WALDENYR
CALDAS E CINTIA
OLIVEIRA

Universidade de São Paulo.
Pró-Reitoria de Cultura e Ex-
tensão Universitária, São Pau-
lo, Brasil

ADOLPHO JOSÉ MELFI

Universidade de São Paulo.
Instituto de Energia e Ambien-
te, São Paulo, Brasil

Diana Helena de Benedetto Pozzi – *Cidadania é algo que às vezes parece mal definido e que alguns pretendem que seja equivalente a pessoas terem direitos na sociedade em que vivem. Cidadania estaria estrita a isso?*

Adolpho José Melfi – Eu acho que sim, mas os direitos refletem apenas uma parte, pois junto com eles vem os deveres conforme estabelece a constituição do nosso país. Quer dizer, o indivíduo tem o direito de expressar livremente suas opiniões, tem o direito de exigir que o governo forneça boas condições nas áreas da saúde, educação, transporte etc., coisas que aqui no Brasil deixam muito a desejar. O Brasil tem uma Constituição em que todos os preceitos da cidadania estão garantidos, mas normalmente não são oferecidos..

Diana Pozzi/Suzana Avelar – *Como podemos delinear o perfil de "cidadania" hoje no Brasil, frente à falta de respeito com a qualidade de cidadão?*

AJM – A universidade pública tem um papel bastante importante, aliás como todas as universidades, e principalmente, as de boa qualidade. As pesquisas que são feitas por elas podem ser aplicadas para melhorar as condições da população, o que contribui para a cidadania. Entretanto, dentro da universidade, existe um ambiente que proporciona essa visão da cidadania: todos aqui lutam para que todas essas regras que definem a cidadania sejam discutidas e colocadas em prática. Eu acho que é uma organização extremamente importante. As boas universidades e as boas universidades públicas, todas elas contribuem para a formação da cidadania porque não servem apenas para formar um bom profissional ou um bom educador, elas servem para formar um cidadão.

Suzana Avelar – *Como o senhor vê o papel da cidadania através da profissão de professor de universidade pública?*

AJM – O jovem que chegou ao ensino superior sabe bem o que é ser um cidadão completo, conhecedor de seus direitos e deveres definidos pela nossa Constituição. O papel do professor é importante, no sentido de mostrar aos seus alunos como exercer seus direitos, e sobretudo seus deveres com aqueles menos favorecidos e que formam o grosso da nossa população, nos aspectos educação, saúde, segurança pública etc.

Cintia Oliveira – *Para parte dos alunos de graduação e pós-graduação, os movimentos estudantis, tais como centros acadêmicos e coletivos, são a forma mais tangível de exercício da cidadania dentro da universidade. Em sua opinião, por que esses movimentos são mais próximos dos alunos do que a representação discente formal, por exemplo?*

Como essas formas de organizações se inserem no contexto maior de cidadania na sociedade brasileira?

AJM – Essa é uma questão difícil de resolver porque, realmente, esses movimentos estudantis defendem posições que vão ao encontro

dos direitos e deveres do cidadão. Porém, existem muitas outras posições tomadas que não têm nada a ver com a questão da cidadania e que mais refletem posições em defesa da corporação ou categoria a que pertencem. Sendo verdade o que a pergunta colocou, me leva a crer que o processo de eleição é falho e os centros acadêmicos não representariam a opinião da maioria do corpo discente. Então, eu acho que aí até foge de formação do cidadão comum, que deve ser completa. Entretanto, mesmo neste caso, esses movimentos devem ser respeitados, desde que não interfiram nos direitos dos demais alunos, como o direito de assistir às aulas e o de ir e vir nos espaços da universidade, não destruam o patrimônio público etc.

Cintia Oliveira – *Em sua opinião, haveriam outras formas ainda mais eficazes de exercício da cidadania*

dentro da comunidade universitária?

AJM – Eu acho que a cidadania acaba permeando várias ações, e a finalidade das universidades é a formação do cidadão e o fornecer um bom profissional. Então, investir em formar bons professores e bons pesquisadores voltados para estudos que tragam benefícios para a sociedade. É de extrema importância que a universidade invista e insista nas atividades de extensão, que são as mais diretamente voltadas para a comunidade.

Bruno Padovano/Primavera Borelli – *Quando pessoas vão em grandes números à rua para defender seus direitos e para questionar a classe política, isto parece ser o efeito de causas mais profundas, que têm a ver com uma participação política pouco significativa, restrita na maioria dos casos às eleições de representantes na arena política nem sempre à altura de seus mandatos. Em sua opinião, por que isso acontece? Como poderia se mudar isto na construção de uma sociedade mais cidadã no Brasil?*

AJM – Quando as pessoas vão às ruas para defender seus direitos e para questionar a classe política, elas estão exercendo um direito do cidadão, garantido pela nossa Constituição. A meu ver, isto tem sido pouco significativo, pois o problema maior da nossa classe política está no nosso sistema eleitoral. A mudança é urgente, mas os políticos não têm nenhum interesse em mudar o sistema vigente, que coloca indivíduos que nem sempre são nossos representantes.

Hoje nós temos esses movimentos pontuais e de categoria, que não refletem e não defendem muitas vezes a cidadania para toda uma sociedade; e historicamente tivemos movimentos de massa, por exemplo, pelo fim do estado de exceção, da ditadura militar, onde o povo defendia um direito que lhe foi subtraído..

A educação é fundamental para isso. Se o indivíduo, qualquer que seja sua profissão, tiver uma educação de bom nível, o resto virá. Ele saberá defender os seus direitos, e isso contribui para a cidadania.

Primavera Borelli/Bruno Padovano – *A população brasileira, como um todo, é tida como apolítica, raramente se mobilizando para reivindicar seus direitos e/ou protestar contra determinadas situações (as exceções foram as revoltas históricas), diferente de nossos vizinhos na América do Sul, especialmente Argentina e Uruguai. Isso é intencional em termos de Estado e governo? Como o senhor compararia o grau de cidadania no País com o de outros países ocidentais?*

AJM – Parece ser intencional porque vemos a manutenção de certas situações que poderiam ser erradicadas. Por exemplo, a confecção de um orçamento com cortes em áreas em que os problemas são graves. A gente vê aqui no Brasil a situação calamitosa na área da saúde, o que é terrível para pessoas, sobretudo de baixa renda, que não podem ter um plano privado, vemos na televisão todos os dias situações que não são admissíveis. A gente

vê que está sendo dada pouca atenção ao Aedes aegypti, que anda atormentando a nossa vida e está com a possibilidade de se tornar endêmico transmitindo todas essas doenças que estão se espalhando pelo território nacional e países de clima tropical. Há uma negligência que deixa a população num estado de preocupação muito grande, não só na saúde como na educação, setores fundamentais.

Por isso, nós ainda estamos um pouco longe. Mesmo na América do Sul há países onde a população recebe uma educação básica muito melhor que a nossa, e isso promove uma sociedade que tem muito mais noção do que é a cidadania, o que a

gente deveria esperar de um governo e dos direitos que nós temos. O Brasil precisa caminhar bastante nesse quesito, eu acho que ainda estamos longe dos países democráticos desenvolvidos e mesmo dos em desenvolvimento.

Bruno Padovano – *Como, em seu ponto de vista, a atual cultura digital e das redes sociais, própria de uma “sociedade líquida” (segundo Bauman), relaciona-se com as práticas de uma cidadania contemporânea?*

AJM – Eu acho que nós podemos encontrar de tudo na internet. Não resta dúvida de que ela permite que as pessoas estejam mais conectadas umas com as outras, conheçam seus hábitos, seus problemas e suas opiniões. Entretanto, é necessário filtrar todas as informações recebidas, pois nem todas que chegam até nós são importantes e boas. Muitos conceitos são errôneos e nos levam a situações perigosas, mas é claro que não existem saídas, pois cada vez mais estaremos conectados com as redes sociais. Temos que dar mais armas para o cidadão saber decernir o que é bom e que não é isto é conseguido principalmente através da educação.

ADOLPHO JOSÉ MELFI *professor titular sênior do Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo (IEE-USP) e membro da Academia Brasileira de Ciências, da Academia de Ciências da América Latina, da Academia de Ciências do Estado de São Paulo, da Académie d'Agriculture de France e da Académie des Sciences d'Outre-Mer – e-mail: ajmelfi@usp.br*

DIANA HELENA DE BENEDETTO POZZI *professora associada da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP) e editora responsável da Revista de Cultura e Extensão USP – e-mail: revistacultext@usp.br*

BRUNO ROBERTO PADOVANO *professor titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) e editor associado da Revista de Cultura e Extensão USP*

PRIMAVERA BORELLI *professora titular da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade de São Paulo (FCF-USP) e editora associada da Revista de Cultura e Extensão USP*

SUZANA HELENA DE AVELAR GOMES *professora da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP) e editora associada da Revista de Cultura e Extensão USP*

WALDENYR CALDAS *professor titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e editor associado da Revista de Cultura e Extensão USP*

CINTIA OLIVEIRA *graduanda em Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e repórter da Revista de Cultura e Extensão USP – e-mail: cintiaoliveira1996@gmail.com*